

■ Designação e dessignificação: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea

Artigo resultante de reflexão com base em tese de doutorado homônima, orientada pela Profa. Dra. Amanda E. Scherer (UFSM-PPGL-Laboratório Corpus), defendida em 16 de agosto de 2011, no PPGL-UFSM. E-mail: rejane.arce@gmail.com

REJANE MARIA ARCE VARGAS

Doutora em Letras/Estudos Linguísticos (PPGL/UFSM), membro do Laboratório Corpus (UFSM, RS), Leitora de língua portuguesa na Universidade de Franche-Comté, Besançon, França.

Resumo: Este artigo, fundamentado na Análise de Discurso de orientação francesa, versa sobre a filiação de sentidos, explorada a partir da discursivização dos nomes comunidade e favela, concebidos como par equívoco mediante a hipótese de uma tácita substituíbilidade de favela por comunidade. A designação comunidade foi nosso dispositivo de arquivo e por meio dela constituímos uma montagem discursiva que nos possibilitou postularmos uma concepção de fraseologia contemporânea, marcada pela dessignificação, pelo apagamento do sentido político, o que se efetiva por meio de agenciamentos metálicos da memória social e uma cínica ideia de paz social.

Palavras-chave: Circulação. Filiação de sentidos. Comunidade. Favela. Memória.

Résumé: Cet article, qui s'inscrit dans le domaine de l'analyse de discours, relève de la filiation de sens, abordée à partir de la discursivisation des noms « communauté » et « favela », conçus comme une paire équivoque, conformément à l'hypothèse d'une tacite substituíbilité de « favela » par « communauté ». La désignation « communauté » a été notre dispositif d'archive et à travers elle nous avons constitué un montage discursif qui nous a permis de concevoir une notion de phraséologie contemporaine marquée par la dé-signification, par l'effacement du sens politique qui s'effectue par des agencements métalliques de la mémoire sociale et par une idée cynique de paix sociale.

Mots-clés: Circulation. Filiation de sens. Communauté. Favela. Mémoire.

Considerações Iniciais

Certa vez, após uma visita comigo a outra localidade, poucos metros depois de ter cruzado a rua que separava as duas localidades, um líder comunitário comentou, aliviado, ao retornar à sua 'comunidade': 'você não acha o lado de lá mais quente? A distância, aqui, não deve se medida em metros: descobri que muitas pessoas ficam anos sem circular em outras localidades de Acari ou até mesmo em outras microáreas de uma mesma localidade. Não é raro encontrar pessoas que nem mesmo conheçam toda a favela onde moram (ALVITO, 2006, p. 198).

Esta reflexão se situa no terreno nomeado por Paveau (2012) como universos discursivos numéricos, universos estes que, segundo a autora, estão plenamente integrados às nossas modalidades languageiras, que se encontram, todavia, aumentadas pela tecnologia. Dentro desse quadro, abordaremos aqui alguns dos elementos fundamentais de nosso estudo de tese que versou sobre a filiação de sentidos, domínio este que presentifica a problemática dos laços sociais, ou seja, dos vínculos que instituem saberes, domínios, lugares, isto é, pertencimento. Na dita do "numérico", as filiações se afiguram cada vez mais porosas; sob esse respaldo, circula contemporaneamente certo discurso que propugna uma crise de filiações, notadamente, aumentada pelo advento das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Contudo, segundo a Análise de Discurso (AD), ao falarmos, filiamo-nos a redes de sentidos, a uma história de dizeres (ORLANDI, 1999), e este é um caminho sem atalhos.

Para darmos corpo a essa problemática, tomamos como exemplo a discursivização no tempo presente dos nomes *comunidade e favela*, concebidos como *par equívoco*, em face de uma tácita substituibilidade de *favela* por *comunidade*, reforçada pelo fato de sua

ampla circulação e abrangência social. Essas duas palavras são textualizadas em uma sequência discursiva de referência (sdr) – *Agora a moda não é mais favela, é comunidade*, recortada de um comentário veiculado na mídia radiofônica acerca de uma então nova política habitacional implementada no País. Desse modo, adotamos a palavra *comunidade* como *dispositivo de arquivo*, isto é, ponto discursivo de referência que medeia a fabricação de uma *montagem discursiva* (MD).¹ A MD é composta por distintos registros discursivos, coletados de mídias digitais entre os anos de 2009 e 2010, que levam em conta a circulação seriada dos nomes *comunidade* e *favela* e a relação com a sdr. Mediante tal procedimento, constituímos uma rede representativa dos modos de circulação contemporâneos, os quais trazem como contrapeso uma *memória metálica*² que contribui para o achatamento da memória discursiva.

¹ Noção a ser detalhada na sequência deste texto.

² Memória metálica é aquela que “[...] não falha e que se apresenta como ilimitada em sua extensão, só produz o mesmo, em sua variação, em suas combinatórias” (ORLANDI, 2004, p. 15-16).

O que orienta a formulação da MD são três Domínios Semânticos de Determinação (DSDs) exemplares (a seguir) sobre a questão.

Conforme Guimarães (2007, p. 81), um DSD é “[...] uma análise de uma palavra. Ele representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (um texto, um conjunto de textos, etc.)”. A um DSD subjaz todo um processo analítico de um nome, do qual ele é uma forma de representação. Em nosso trabalho, essa categoria analítica (esboçada no quadro teórico da semântica da enunciação) tem caráter heurístico, uma vez que subsidia a varredura do arquivo (via processos de reescritura de uma nomeação e de seus modos de articulação no próprio enunciado ou entre enunciados) e nos permite trilhar um caminho em direção à análise discursiva da designação (do par equívoco).

Uma noção fundamental: o político como mediador de uma reflexão

Os elementos supramencionados tiveram como eixo articulador a noção de político, uma vez que ela recobre a questão da divisão, da partilha dos sentidos. Desse modo, efetuamos uma leitura concernente ao tema com base nas formulações de Rancière, Orlandi e Guimarães. Apresentamos, a seguir, um quadro bastante sucinto a fim de exemplificarmos nossa compreensão.

Político	
Rancière (1996, 1998)	<p>Compreende uma tríade: político, política e polícia.</p> <p>O político demanda um encontro entre a política e a polícia, sob a forma de um desentendimento acercada partilha do sensível.</p> <p><i>A política não existe sempre</i>, pois se instaura quando a ordem naturalizada de divisão (policial) é movimentada por um litígio/dissenso acerca das partes sociais.</p> <p>A polícia mantém a ordem do consenso, a “paz social”.</p>
Orlandi (2002, 2004, 2005)	<p>O político remete à divisão, à direção que os sentidos tomam na história, relativamente ao modo como uma sociedade se organiza, impondo injunções/disjunções para o significar.</p>
Guimarães (2005)	<p><i>O político é o fundamento das relações sociais, presentifica-se na língua</i> (divisão do real nas designações, por exemplo), e é marcado pela contradição. A língua é atravessada pelo político, seja normativamente, seja pelo direito a dizer; cisões que se mostram linguisticamente, circunscrevendo espaços regulados. O político é a afirmação de igualdade dos desigualmente divididos.</p>

Guardadas as especificidades de cada autor, para o desenvolvimento de nosso trabalho, as noções foram consideradas em conjunto, de forma que nos autorizamos a

dizer que, sendo o político constitutivo das relações sociais, para percebê-lo em mobilidade, cabe perscrutar mesmo o nó que efetiva o desentendimento, isto é, a política em sua raridade que põe em xeque a ordem policial de dizeres, de lugares estatuídos. Além disso, o constitutivo a que nos referimos não concerne a um já-lá do qual se parte para investigar o funcionamento dos discursos, mas a um litígio latente. Dizer que o político é constitutivo não basta, é preciso indagar as formas que ele toma, se a do consenso, se a da política, se a de um entremeio.

DSD: noção metodológica motriz

Outro ponto fundamental em nossa reflexão são os Domínios Semânticos de Determinação (DSDs). Eles não são explorados exhaustivamente, pois este não foi nosso objetivo. Os DSDs, tendo como elemento central o dispositivo de arquivo *comunidade*, exercem função metodológica ímpar e produtiva para mediar a fabricação da MD. No que toca à noção de dispositivo de arquivo, com base na reflexão de Guilhaumou e Maldidier ([1986] 1997), podemos dizer que um *dispositivo de arquivo* é uma designação que “aciona” e orienta uma operação de varredura em um arquivo concebido em sua abrangência social, ou seja, circunscrito a preocupações que digam respeito a uma sociedade considerada em sua especificidade histórica. Desse modo, dispositivo de arquivo e DSD são noções solidárias no processo de análise.

Os três DSDs (a seguir) têm centralidade no procedimento metodológico porque eles constroem o par equívoco, notabilizam a equivocidade da relação, da passagem/da troca de *favela* por *comunidade*.

Observemos o DSD 1, onde —| significa determina, — e <> significam corresponde, assim como nos demais.

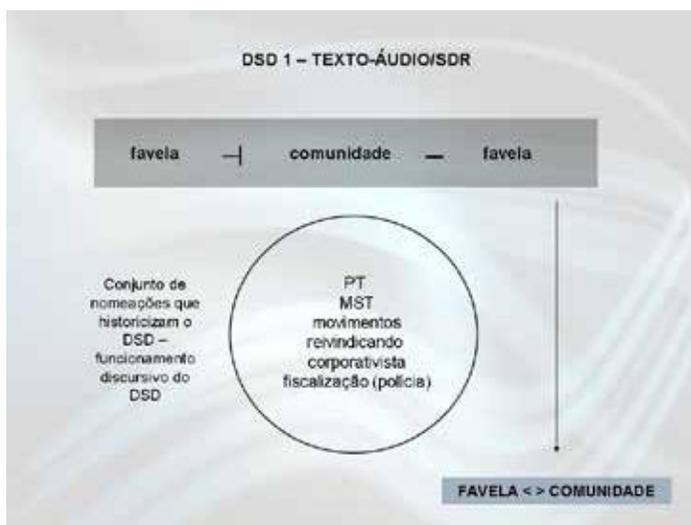


Figura 1 – DSD 1 – texto-áudio/sdr

O DSD 1 (Fig. 1) foi formulado a partir da transcrição de uma intervenção, veiculada por emissora de rádio da capital gaúcha (em cadeia com várias outras emissoras do interior do Estado do RS), realizada por um correspondente de Brasília que tece um comentário a respeito da política habitacional ora implementada no País, em março de 2009.³ Dessa materialidade foi também extraída a sdr, isto é, o “[...] ponto de referência, a partir do qual o conjunto dos elementos do corpus receberá sua organização” (COURTINE, [1981] 2009, p. 107-108). Nesse DSD, *comunidade* é o substituto socialmente mais bem aceito para *favela*, a memória convocada é aquela da desorganização, das mobilizações sociais, das reivindicações. Há uma substituição eivada de cinismo desdenhoso, por meio de palavras colocadas a distância, ou seja, adere-se à nomeação (ao discurso politicamente aceito) em virtude da força de sua “circulação”. É uma passagem obrigatória, mas incômoda.

³ Detalhes em Vargas (2011).



Figura 2 – DSD 2 – montagem de textos

O DSD 2 (Fig. 2) ilustra a sobredeterminação do nome *comunidade* e foi elaborado a partir de uma busca por “comunidade favela”, em Folha Online em 10 de agosto de 2009, da qual nos valem dos 30 primeiros resultados, que compreendem os meses de maio a agosto de 2009 e constituem uma “montagem de textos”. Nesse DSD, *favela* determina *comunidade* via discurso da criminalidade, por outro lado, no conjunto dos textos, *comunidade* emerge com indícios de positividade, como nomeação “social”, podendo ser um bairro, uma favela ou mesmo algumas favelas.



Figura 3 – DSD 3 – texto-vídeo comunidade de 15 pessoas

O DSD 3 (Fig. 3) foi formulado a partir de um vídeo e texto, cujo assunto era a prisão de proprietária de grife e loja de luxo, na cidade de São Paulo (SP), divulgados em Folha Online, em 26/03/2009. Nesse caso, a então criminosa, ao ser presa, é tratada como vítima e uma imagem social positiva desta é rememorada. Uma memória ligada ao assistencialismo, a projetos sociais, à vulnerabilidade social, à pobreza é (re)convocada, (diferentemente do DSD 1 e 2, por exemplo), às avessas. O crime, ao mudar de agente, passa a ter direito a uma expiação social; a *comunidade* (lado a lado com “bairro”) passa a ser um número ínfimo de 15 pessoas que realizam um “protesto”.

Comunidade é assim *mot bascule*, palavra-balança, e o peso (ideologia) penderá para um lado ou outro, segundo as relações de poder historicamente instituídas e em processo (e não conforme as intenções ou estratégias dos sujeitos). No DSD 3, a “mesma” memória de criminalidade é convocada, mas de modo perverso, pois a ordem é invertida, a criminalidade é positivada via discurso da filantropia, e *comunidade* passa a ser um pequeno grupo alvo de um projeto social. O que

nos leva a reafirmarmos a equivocidade da nomeação *comunidade*, nomeação fluida, ao gosto da fraseologia⁴ do tempo presente.

⁴ Fraseologia é aqui compreendida a partir de Houbedine (de quem Pêcheux (1990 [1982]) se inspira), isto é, como «relação especular entre os supostos destinatários do discurso e o sujeito da enunciação, os primeiros sendo chamados a virem se unir fantasmaticamente ao segundo, em uma unidade identificadora do que ele(s) oferece(m) ao olhar em sua própria pessoa, a saber, um mesmo ideal de eu [...] imagem de um homem-povo, entidade singular que se investe de um valor bem mais de insígnia que cada um se torna, por assim dizer, a garantia universal, à medida mesmo que resulta em uma instância de repressão repetida em cada um». (HOUBEDINE, 1975, p. 142-143). Tradução nossa.

⁵ Courtine ([1981], 2009 p. 131) propõe uma distinção entre *difusão* e *circulação* apontando que uma SD, ao se inscrever em uma *rede de difusão* de discursos específica, esta passa a regular sua *circulação*.

Montagem Discursiva: em favor da produtividade de um microcorpus

A saturação do par equívoco via discurso da criminalidade em sua fragilidade e imediatez nos obriga a trilhar outras histórias, outros textos, diferentes registros discursivos que põem em cena memórias que são suturadas por essa memória achatada pelo elemento digital. Nesse intuito, constituímos uma MD, conforme a Figura 5.



Figura 4 – Montagem Discursiva

A MD é assim um recuo metodológico, uma reflexão a propósito da especificidade do corpus, este que foi composto por fragmentos não aleatórios, mas orientados mesmo pela *difusão* que impõe ditames para a *circulação*, nas palavras de Courtine ([1981] 2009).⁵ Por isso, um corpus disperso; por isso, vários pequenos xemplos, forma de corpus que Mazière e Guilhaumou, na edição 29 da revista *Semen*, de 2010, chamam de “microcorpus qualitativo”, considerando os trabalhos

em AD sustentados pela equipe de Campinas iniciada por Orlandi:

Le cas de soutien le plus étonnant est sans doute celui du Brésil où l'équipe de Campinas, initiée par Eni Orlandi, et aguerrie par 30 ans de travail, donne un espace, par la solidarité même de ce travail, à tous les développements, aussi centrifuges soient-ils (MAZIÈRE; GUILHAUMOU, 2010, p. 80).⁶

Uma MD é, assim, um gesto metodológico que reclama a determinação de uma ou mais formulações de referência no âmbito do intradiscurso (uma sdr, por exemplo) a partir da qual ou das quais as constelações de materialidades serão organizadas no âmbito do interdiscurso, visando à análise de discursos em circulação, de um tempo em processo que requer um trabalho com os domínios da memória, da atualidade e da sucessão [antecipação] (COURTINE, [1981] 2009).⁷ Além disso, a esse gesto subjaz uma questão teórica.

Uma MD precisa, sobretudo, estar fundamentada naquilo que Guilhaumou e Maldidier ([1986] 1997) chamaram de abrangência social do corpus/de um arquivo que vai abarcar regimes múltiplos de funcionamento de um objeto simbólico, impondo retornos ao arquivo, em função de sua amplitude histórica.

A abrangência social de um arquivo reclama, por sua vez, um discurso amplamente em circulação e/ou recoberto por uma problemática “comum” a uma dada sociedade, de modo a permitir vislumbrar o que instaura o novo ou movimenta o social no interior da repetição.

Esse foi o recuo metodológico exigido por movimentos imprevistos do corpus (dos discursos), risco (ou felicidade) que se corre quando a pesquisa é contemporânea ao discurso que se analisa, em que não haveria, segundo alguns, um recuo histórico, uma vez que “[...] la contemporanéité est souvent présentée comme

⁶ O caso de sustentação [em relação ao microcorpus qualitativo, por exemplo] mais surpreendente é sem dúvida aquele do Brasil, onde a equipe de Campinas, iniciada por Eni Orlandi e aguerida por 30 anos de trabalho, dá um espaço, pela solidez mesmo desse trabalho, a todos os desenvolvimentos, tão centrifugos sejam eles. Tradução nossa.

⁷ Courtine distingue os domínios da memória, da atualidade e da antecipação [de nossa parte diremos, domínio da sucessão]: *o domínio da memória* é constituído por um conjunto de SDs que preexistem à sdr.; *o domínio da atualidade* é constituído por um conjunto de SDs que coexistem com a sdr em um dado momento histórico; *o domínio da antecipação* remete ao conjunto de SDs que sucedem à sdr como efeitos de antecipação, assinalando a ordem de um sempre-ainda do discurso, como um processo sem “término” aberto a reconfigurações (cf. COURTINE, [1981] 2009).

um handicap pour la recherche”⁸ (KRIEG-PLANQUE, 2009, p. 50). Todavia, tal como exemplifica Krieg-Planque, o recuo histórico nem sempre testemunhou análises menos proféticas ou um tom menos peremptório. A contemporaneidade, por outro lado, inflige-nos uma prudência necessária e ao mesmo tempo um olhar atento a discursos mediáticos produzidos na imediatez, na urgência do numérico e da economia das formas de saber, em prejuízo da memória constitutiva.

Dessignificação e fraseologia da mundialização – palavras finais

Com base na noção de corpus como MD subsidiado de uma questão teórica, neste caso, a da filiação, ora nos autorizamos a postular que a Fraseologia enunciada por Pêcheux ([1982] 1990), e por nós abordada em termos de “fraseologia da mundialização”, em nosso tempo, formula-se mediante apagamentos seletivos e maquinais da memória discursiva, com vistas à produção de uma memória seriada, metálica e esse fenômeno se processa em larga escala por meio de programas ou ferramentas que se prestam a um tratamento automático do sentido. Essa fraseologia opera sob a forma da dessignificação (ORLANDI, 2002)⁹, uma vez que a especificidade política e a historicidade vão sendo seletivamente apagadas. Dessignificar não é deixar sem sentido, mas é operar para que o sentido político esvaneça, seja por meio de procedimentos discursivos como a sobredeterminação, via um discurso controverso socialmente (criminalidade, pobreza, malandragem/jeitinho, etc.), seja pelo eufemismo, pela ironia, pelo cinismo, tal como pudemos observar. A interdição em nossos dias não é da ordem do legal, mas do que se institui de maneira perversa como o socialmente bem aceito. Essa instauração de sentidos, em nossa compreensão, demanda olhares de parte dos analistas de discurso que deem conta também dos agenciamentos numéricos, maquinais, metálicos dos sentidos. É preciso

⁸ A contemporaneidade é frequentemente apresentada como um defeito para a pesquisa. Tradução nossa.

⁹ Noção desenvolvida por Orlandi (2002) e que buscamos ampliar em nossa tese.

seguir uma rede, montar redes com vistas a tecer relações de filiação, redes que são, sobretudo, ideológicas, mesmo que enalteçam que não o sejam, e bem por isso o sejam, isto é, dizer que não há ideologia é ceder às artimanhas do discurso da mundialização, é dar lugar à desdesignificação, um vazio cheio de sentidos que se prestam a toda obra.

Mediante a propalada crise das filiações, insistimos que a filiação de sentidos, considerados os elementos que se processam para o apagamento das identificações, pode ser compreendida como o laço histórico que, ao se atualizar no âmbito do intradiscurso (via discurso transversal, uma formulação “recuperável”), permite um gesto de leitura que encaminha para as redes de sentido. Além disso, tal noção nos possibilita tanto não cedermos ao relativismo que alega que os sentidos não se prestam a filiações e, portanto, podem ser não importa o quê, como também nos permite a liberdade de pensar, analisar discursos sem o ditame de um ponto de onde estes emergem ou para onde convergem (identificação, desidentificação, contraidentificação, paráfrase, metáfora, etc., pontos a partir dos quais se tecem relações de deslocamento ou adesão), mas sob a perspectiva que reclama o tratamento dos discursos como fragmentos, como historietas de um tempo em processo, em que os sentidos se filiam por entre redes que estão hoje sempre sob a ameaça de serem rompidas, afrouxadas até se tornarem séries¹⁰ que repetem que não existe mais favela, bastando para tanto substituir o nome por *comunidade*, evidentemente.

Dessa forma, nossa perspectiva de pesquisa (que nos permite sonhar lucidamente) é a de continuar a pensar a filiação de sentidos, circunscrita à abrangência social do corpus, como laço inexorável que move a história, os discursos e que, no caso presente, foi pensada a partir de uma questão que congrega a partilha do comum em uma dimensão pontual, comunitária. Todavia, a pesquisa leva-nos a uma reflexão plural acerca da abrangência social de um discurso, na medida em que este se reveste

¹⁰ Valemo-nos aqui da distinção entre *série* e *rede* proposta por Orlandi, no texto *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade* (2010).

¹¹ A contradição emerge quando manifestantes afirmando que *Um outro mundo é possível* encontram frequentemente no mesmo desfile outros manifestantes reconhecendo que *não há um plano(eta) B*. Tradução nossa. Texto publicado na Revista *Multitudes* nº especial, *Fukushima: Du commun au comme-un. Nouvelles politiques de l'agir à plusieurs*, abril de 2011, texto *Du Commun au comme-un*. Itálicos dos autores.

¹² A esse respeito é de extrema valia referir a reflexão de Orlandi no texto *Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital*, publicada no livro *E-urbano* (Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/eurbano1.pdf>) "Estamos em uma formação social capitalista e são as relações de trabalho, as relações econômicas e sociais que estão em causa. Se os indivíduos não têm condições materiais de base favoráveis não há 'destino' que se cumpra. Também desconfio da expressão 'escala planetária' principalmente se referem à 'difusão' de saberes, tecnologias, modos de vida. Tudo isso depende de condições concretas e estas como sabemos estão longe de serem 'partilhadas'" (ORLANDI, 2011, p. 05).

de uma questão que se expande para o *comme-Un*. Em outras palavras, fomos levados a considerar as formas de significar os processos sociais (os discursos) como tendo implicadas uma dimensão ética de estar a muitos em um mundo em que, a despeito da dessignificação e da fraseologia, é pleno de questões que tocam a todos e que produzem igualmente suas contradições, como ilustra a seguinte passagem:

La contradiction fait surface lorsque des manifestants affirmant qu'*Un autre monde est possible* rencontrent - souvent dans le même défilé - d'autres manifestants reconnaissant qu'*Il n'y a pas de plan(ète) B* (CITTON; QUESSADA, 2011, p. 19).¹¹

Na ordem da fraseologia da mundialização, as filiações e desfiliações se operam sem plano/eta B. Há, em ampla medida, um partilhar, um estar e um agir a muitos, seja pela língua que se partilha, pelo espaço, pela terra, pelo lugar, pela universidade, seja por meio de um *comme-un* institucionalizado, dado historicamente ou autoconstituído. Se a partilha do real marca uma questão de ética e de responsabilidade que excede às lógicas e aos discursos locais, traz como contrapeso o agir a muitos como forma de dominação, de apaziguamento das diferenças constituídas historicamente.¹²

Referências

ALVITO, Marcos. Um bicho-de-sete-cabeças. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. 5. ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006, p. 181-208.

CITTON, Yves; QUESSADA, Dominique. Du Commun au comme-un. *Revue Multitudes*, nº especial – Fukushima: Du commun au comme-un. Nouvelles politiques de l’agir à plusieurs, Paris, Éditions Amsterdam, p. 12-22, abr. 2011. Disponível em : <<http://www.cairn.info/revue-multitudes-2011-2.htm>>. Acesso em 10 mar. 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da história. Traduzido por José Horta Nunes. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *Gestos de leitura: da história no discurso*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 163-187. [Traduzido de Effets de l’archive. L’analyse de discours du côté de l’histoire. *Langages*, 81, v. 21, 1986. Disponível em : <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458726x_1986_num_21_81_2477>. Acesso em 20 ago. 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo; MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas (SP): Pontes, 2007, p. 77-96.

_____. *Semântica do acontecimento*. Um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2005.

HOUBEDINE, Jean-Louis. Quelques questions d’aujourd’hui à propos de la «phrase démocratique». In: *Psychanalyse et sémiotique*. Actes du colloque de Milan. 1974. Paris: Union Générale d’éditions, 1975, p. 139-150.

KRIEG-PLANQUE, Alice. *La notion de "formule" en analyse du discours. Cadre théorique et méthodologique*. France, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2009.

MAZIÈRE, Francine; GUILHAUMOU, Jacques. Ainsi, nous sommes qui nous sommes dans le Mississippi. In: *Semen* 29. La théorie du discours. Fragments d'histoire et de critique, p. 69-88. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2010. Disponível em : <<http://semen.revues.org/8782>>. Acesso em 20 ago. 2011.

ORLANDI, Eni P. Comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane (Org.) *E-urbano*. Sentidos do espaço urbano/digital. Unicamp: Labeurb, 2011. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/pdf/urbano1.pdf>>. Acesso em 20 ago. 2011.

_____. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/pdf/16-2/1-16-2.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2012.

_____. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas (SP): Pontes, 2005.

_____. *Interpretação*. A autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas (SP): Pontes, 2004.

_____. *Língua e conhecimento linguístico*. Para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Análise de discurso*. Princípios & Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PAVEAU, Marie-Anne. *Activités langagières et technologie discursive*. L'exemple de Twitter. Disponível em: <<http://penseedudiscours.hypotheses.org/8338>> Acesso em 20 mar. 2012.

PÊCHEUX, Michel [1983]. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Traduzido por Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990.

_____. [1982]. Delimitações, inversões, deslocamentos. Traduzido por José Horta Nunes. *Cadernos de estudos lingüísticos*, n. 19, p. 7-24. Campinas (SP): Unicamp, 1990.

RANCIÈRE, Jacques. *Aux bords du politique*. Paris: Gallimard, 1998.

_____. *O desentendimento*. Política e filosofia. Traduzido por Ângela Leite Lopes. São Paulo, SP: Ed. 34, 1996.

VARGAS, Rejane M. Arce. *Designação e desdesignificação: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea*. Santa Maria, 2011. 199 p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação de Letras – PPGL. Universidade Federal de Santa Maria.

[Recebido em 12 de junho de 2012
e aceito para publicação em 25 de agosto de 2012]